

UM OLHAR SOBRE A DIFERENÇA AS MÚLTIPLAS MANEIRAS DE OLHAR E SER OLHADO E SUAS DECORRÊNCIAS

A LOOK AT DIFFERENCE MULTIPLE WAYS OF SEEING AND BEING SEEN AND THEIR CONSEQUENCES

Lucídio BIANCHETTI¹

[...] não há ninguém que veja a verdade sem ser com os olhos, e os olhos são sempre os olhos de alguém. (Gianni Vattimo)²

Olhos não se compram. (Wim Wenders)³

À Lígia Assumpção Amaral (1941–2002). Lição de vida. Com ela aprendi a aprender com os heróis e os vilões da mitologia grega.

RESUMO: Refletimos, neste texto, a multiplicidade de formas que podem ser assumidas na perspectiva de quem olha e de quem é olhado/estigmatizado, enfatizando o papel de sujeitos e de *objetos* de diversos olhares. Concebemos o olhar como uma maneira de posicionar-se no/frente ao mundo. O olhar é, também, compreendido como uma linguagem que se constrói e se realiza no contato com os outros, nas inter-relações. Neste aspecto apontamos para níveis de relações humanas que vão do desconhecimento, passando pela aproximação e simpatia, até a possibilidade de alcançar a empatia. Focalizamos nossa atenção sobre o olhar na apreensão e na produção da diferença no contexto das relações humanas em geral e entre os portadores de necessidades educacionais especiais em particular. Por fim, tendo como suporte uma marcante vivência, relatamos e refletimos um pouco sobre a diferença entre olhar para a diferença e ser olhado como diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Múltiplos olhares; diferença; estigmatização; preconceito; igualdade.

ABSTRACT: This text reflects on the multiplicity of forms that can be assumed in the perspective of one who looks at and one who is looked at or stigmatized, and emphasizes the role of subjects and “objects” of various looks. We conceive the look as a way of positioning oneself before the world. The look is also understood as a language that is constructed and executed in contact with others – through inter-relationships. Given this factor, we point to different levels of human relations that range from ignorance, to approximation and sympathy, to the possibility of achieving empathy. We focus our attention on the role of the look in the capturing and production of difference in the context of human relationships in general and among the carriers of special educational needs in particular. Finally, with a brief report on a striking experience, we reflect upon the difference between looking at difference and to be looked upon as different.

KEYWORDS: Multiple looks; difference; stigmatization; prejudice; equality.

¹ Doutor em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP. Mestre em educação pela PUC/RJ. Professor no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC. Co-autor e co-organizador do livro: *Um olhar sobre a diferença. Interação, trabalho e cidadania*, publicado pela Papyrus.

² Gianni Vattimo. Em entrevista ao Caderno Mais! *Folha de S. Paulo*, 02/06/2002.

³ Cf. BUCHKA, Peter. *Olhas não se compram*. Wim Wenders e seus filmes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Olhares sobre o olhar

Olhar atento, olhar inquiridor, olhar respeitoso, olhar indiferente, olhar cruzado, (com)partilhado, olhar terno, olhar desejoso, olhar suplicante, olhar expressivo, olhar padrão, olhar perdido, olhar compreensivo, olhar aterrorizado/®, olhar dominador, olhar sublime, olhar estranho, olhar alienado, olhar amoroso, olhar narcísico,⁴ olhar-ponta-de-bengala,⁵ olhar interior, profundo, penetrante, auscultante, olhar de astronauta (*a terra é azul!*), olhar vivaz, fugaz, olhar pueril, infantil, inocente... olhares! Mirar! Mirares... Olhar unidirecional. Múltiplos olhares!

Olho d'água, olhar marejado, olhar de peixe morto; olhar de soslaio, de esguelha, olhar que fuzila, olho mecânico, biônico, eletrônico, *olho grande* n'olho do furacão, olhos no retrovisor, olhos no horizonte, luz, escuridão, crepúsculo, olhos cabisbaixos, altaneiros, olhos nos olhos.

Mirante, observatório, *belvedere*, ponto de vista, vista de um determinado ponto [...] tantos olhares, de olhadores diversos, de diferentes lugares!

O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência, nem o abandono [...]
O que mata um jardim é esse *olhar vazio*
De quem por eles passa indiferente” (destaque nosso) (Mário Quintana,⁶ 1906-1994)

Mau-olhado

Olhar que mata mais que atropelamento. Olhar que transforma o peito do olhado em tábua de tiro ao alvo (Adoniram Barbosa e Oswald Molles).

Bem-te-vi!

Qual é a interpretação para o episódio velho-sempre-novo que dá materialidade ao diálogo que segue:

- Você viu?
- Sim! Estava há tempo olhando [...].
- Olha, não é bem o que você está pensando. Posso explicar tudo [...].

Questão intrigante: É possível explicar um olhar que precisa ser explicado? É possível modificar uma interpretação feita do ponto de vista de quem olha? A explicação (com)vence? Ou o remédio-compreensão-aceitação só virá com o olho-tempo?

⁴ Referência ao mitológico Narciso que, ao se olhar numa poça d'água, encanta-se com a sua própria imagem e não conseguindo mais deixar de admirar-se, morre mirando-se. Para aprofundar-se, cf. QUINET, Antonio. *Um olhar a mais*. Ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁵ Por ter feito uma revelação que desagradou a deusa Hera, Tírsias é castigado com a cegueira. Zeus, condoído, presenteia-o com um bastão-bengala, que daí por diante lhe servirá de 'olho' para 'enxergar' por onde se movimenta. Para mais detalhes sobre Narciso e Tírsias, cf. Junito BRANDÃO. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. V. I e II.

⁶ As citações de Mario Quintana foram retiradas do livro *A cor do invisível*, publicado pela Editora Globo.

Como explicar o incômodo que sentimos quando falamos com alguém que está usando óculos escuros?

Por que, às vezes, ao olhar ou ao sermos olhados, desviamos os olhos?

Como explicar que, às vezes, olhamos e não enxerguemos?

Luz em demasia cega!

O sentido da visão, cuja manifestação material mais visível são os olhos, é fator de inspiração para poetas, de enlevo e trocas entre amantes, de motivação para cantigas. Paradigmático neste sentido é o que segue: *Olhos nos olhos que eu quero ver o que você diz [..]*. (Chico Buarque) ou parte da letra da música *Estopim*, na voz de Ná Ozzetti:

Nosso amor ia bem, não tão bem, mas enfim, bem normal.
Complicou quando eu comentei que era tão triste o seu olhar.
Meu olhar, como assim?
A tristeza vem de você pra mim.
A tristeza de um olhar vem do outro olhar, vem de tanto olhar'.
Como assim?
Pelo olhar pode haver um motim.
Não entendi, mas senti que era o fim.⁷

Os olhos são considerados também o meio de comunicação entre o mundo interior dos seres humanos e o exterior. Fala-se dos olhos como as *janelas da alma*. Os gregos utilizavam a palavra empatia para significar a capacidade de olhar pelo olho do outro, pela perspectiva do outro, capacidade esta considerada como a forma suprema de solidariedade. Fotógrafos usam e abusam de ângulos que possam evidenciar a (in)expressividade dos diferentes olhares das pessoas. Cineastas transferem para as telas roteiros nos quais ganham relevo diferentes e significativos olhares. Escritores, com o auxílio de psicanalistas, roteirizam histórias reais e imaginárias (nem por isso menos reais!) de psicopatas que só conseguem se satisfazer cegando as vítimas, evidenciando a incapacidade de suportar olhares desesperados. Ou, noutro extremo, de outros que só conseguem se realizar nos seus doentios intentos olhando para o olhar aterrorizado de quem lhes caiu nas garras. O olhar da Monalisa, saído do pincel de Leonardo Da Vinci, continua, séculos afora, fascinando os admiradores da pintura e daquela expressão de difícil classificação. Da mitologia grega nos vem uma das mais dramáticas narrações desse teor: Édipo vazando seus próprios olhos quando se descobre parricida. Dos manuais da moderna maneira de gerenciar a força de trabalho destaca-se uma inovação introduzida pelos japoneses: *A administração pelos olhos*.⁸ De Jeremy Bentham, na Segunda metade do século XVIII, nos vem, fundamentada e justificada, a proposta de construção de uma prisão – o Panóptico -

⁷ Música de Dante Ozzetti, letra de Luiz Tatit, Cf. *Estopim*. São Paulo: Eldorado, 2001.

⁸ Cf. Benjamin CORIAT. *Pensar pelo avesso*. O modelo japonês de trabalho e de organização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Revan, 1994. No capítulo I, ao descrever “O espírito Toyota”, Coriat analisa esta maneira de gerenciar, que substitui aquela que era representada pelos organogramas rígidos e verticais que predominavam até recentemente. Ver, neste aspecto também, reportagem sobre a “Empresa Digital”, na Edição Especial da *Revista Exame*, v. 36, n.10, de 15 de maio de 2002.

com uma torre central de observação, de onde era possível um controle (real ou sugerido), 24 horas por dia, sem que os controlados visualizassem o controlador. Para termos uma idéia da abrangência da proposta de J. Bentham, basta levarmos em conta a seguinte observação: “O Panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas” (p. 77).⁹

De Georges Orwell recebemos o alerta a respeito do olho-controle, da teletela que permite ao *Big Brother* a condição de tudo ver, de tudo saber, de ser onisciente e onipresente.¹⁰ Da tradição judaico-ocidental católica herdamos a imagem triangular espelhada em vitrais das igrejas e nos quadros pendurados nas paredes dos conventos, onde se sobressai o olho divino, com a frase-ameaça: *Deus te vê!*

Exemplar também na questão das múltiplas formas de olhar destaca-se a situação descrita por Eduardo Galeano, historiador uruguaio, no *Livro dos abraços*, quando narra o episódio de um menino que tinha um desejo profundo: conhecer o mar! Seu pai um dia decide que está na hora de realizar o desejo do garoto. Parte e ...

quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar e tanto seu fulgor que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: *‘Me ajude a olhar!’* (destaque nosso)

O olhar é uma maneira de posicionar-se no/frente ao mundo. O olhar é uma linguagem que se constrói e se realiza no contato com os outros, nas inter-relações.¹¹

Relações humanas, olhares e o lugar da diferença

Na nossa construção como seres humanos, individuais e coletivos, passamos por diversas fases concomitantes, sucessivas, costuradas, estabelecendo relações com nós mesmos e com os outros. Neste estabelecimento de relações acabam sendo decisivas as concepções advindas de cosmovisões, de ideologias, de teorias da educação – geradoras e direcionadoras de olhares! - e da forma como são implementadas/mantidas pelas instituições sociais.

A *relação com nós mesmos* é uma tarefa de construções e desconstruções, um projeto de vida. Basta ter presente o quanto temos que desconstruir (para reconstruir!) no que diz respeito a instruções travestidas de educação que recebemos de responsáveis por instituições como família, escola e igreja e que têm no aparato jurídico o baluarte de sua manutenção, caso haja alguma tentativa na direção daquilo

⁹ Para uma visão completa sobre a proposta de Bentham cf.: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *O panóptico*. Jeremy Bentham. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹⁰ Cf. Georges ORWELL. 1984. 12 ed. São Paulo: Nacional, 1978. O Programa *Big Brother*, da Rede Globo e *A Casa dos Artistas*, da SBT, dão uma amostra, na realidade, da ficção orwelliana.

¹¹ Cf. Oliver SACKS. *Vendo vozes*. Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

que o grupo dominante considera um desvio. Temos aqui um aspecto que eu caracterizaria como o desafio maior de uma vida individual que se manifesta no coletivo, e que tem na escola uma das suas principais mediações: a passagem da heteronomia, daquela situação em que estamos completamente susceptíveis às opiniões dos outros, dependentes física ou emocionalmente dos outros, para a autonomia, a meta desejável e necessária para os processos de criação e socialização.

Na *relação com os outros*, detecto alguns estágios ou graus de proximidade/trocas: a) desconhecimento (o outro não existe); b) indiferença (existe, mas não me diz nada); c) (in)tolerância (está presente – física ou afetivamente – e me mobiliza); d) anti/sim-patia (está presente – física ou afetivamente – e me mobiliza); e) empatia (muda o foco: o decisivo é a forma como EU *olho!*).

Toda vez que estabelecemos relações com os outros – particularmente nós professores – experienciamos, fazemos o exercício de passar, com maior ou menor intensidade, com queima ou não de etapas, por esses diferentes estágios ou graus de relacionamento com nós mesmos e com os outros. E quantas buscas, quantas aprendizagens nessas relações, nessas trocas!

Ocorre que essas relações humanas, essas trocas - ou a não efetivação destas - não acontecem ou deixam de acontecer no vazio. São datadas e situadas; relações afetivas, que acabam sendo desencadeadas e se realizam num lugar específico e são prenes de história. E o lugar/tempo que estamos vivendo caracteriza-se por ser não inclusivo para a maioria, uma vez que a diferença é apreendida como defasagem, como defeito. A diversidade - exatamente a condição que poderia propiciar o enriquecimento das relações humanas - não é olhada, apreendida como estratégia ou meio de realização de cada um e da humanidade no conjunto. O que se busca, a todo o custo, é a padronização, obedecendo a critérios que só são preenchidos por uma minoria, denominada classe ou grupo dominante. E esta classe utiliza todos os meios – dentre os quais se destaca a escola, que deve ser entendida como um espaço contraditório – para transformar em hegemônico o seu projeto.

E é neste contexto que a questão do olhar - aqui apreendido no sentido *lato*, de órgão da visão e de concepção ideológica - deve ser compreendida. E aqui é preciso levantar algumas questões: Quando olhamos para os nossos alunos conseguimos nos dar conta de que pelo nosso olhar eles podem estar sendo olhados do ponto de vista da classe dominante? Damo-nos conta de que podemos estar sendo meros ventríloquos de outras vozes e olhares, interessados em garantir que os olhados permaneçam no *seu lugar*? Conseguimos, na condição de professores, nos colocar empaticamente no ponto de vista dos alunos-olhados?

Responder a estas questões é fundamental uma vez que há uma diferença astronômica entre a situação de quem é autor/ator do olhar e da condição de quem é paciente/receptor de olhares que lhe são dirigidos. E, embora isto esteja sendo explicitado de uma forma polarizada, antagônica - na vida não é assim! -, penso que aqui se situa o grande desafio de ser um professor ou uma professora que, além de ter simpatia, é empático/a com a situação dos nossos alunos e alunas e o seu entorno.

Ocorre que, como diz Paulo Freire, pensar sobre a prática é a melhor maneira de pensar certo.¹² O grande teste se dá, portanto, na prática. Muitas pessoas pensam que abraçaram e assumiram empaticamente uma causa. No nosso caso específico, a de sermos professores e tudo o que esta profissão/missão envolve. Mas uma coisa é você olhar para; é você dispor-se a; é você engajar-se; é você querer olhar e se comprometer de uma forma diferente com os diferentes, este coletivo que compõe o conjunto dos nossos alunos. Isto está no campo da tua vontade, do teu compromisso. Outra coisa bem diversa é você ser o olhado e não aquele que olha! E enquanto estivermos numa sociedade injusta, desigual, excludente, aquele que sofre esta exclusão fica na condição de ser olhado! Não é que este não olhe. Evidentemente o excluído continua olhando, mas é muito diferente ser o autor do olhar que estigmatiza e ser o olhado estigmatizado.

Uma vivência

Pois bem, vou contar a vocês uma historiazinha para ilustrar o que acabo de dizer. Em setembro do ano passado, dois dias antes do ataque camicase às torres gêmeas e ao Pentágono em *New York* e *Washington*, eu cheguei em Londres. Nos dias que se sucederam ao episódio eu experimentei física e emocionalmente o que é medo, e o que é a convivência num ambiente tomado por uma quase histeria coletiva frente a mil e tantas possibilidades de agressões que tomam conta, que se apossam e que cabem na imaginação de imperialistas que se acostumaram a pensar que o ataque era uma prerrogativa somente sua. Para o autoritário é impensável ser contestado; para o imperialista é inaceitável ser atacado. O olhar do império é sempre unidirecional.

Foi nesse espaço e nesse tempo que vivenciei uma experiência muito significativa e por isso inesquecível. No aeroporto, antes de tomar o avião de volta ao Brasil, lá estava eu numa imensa fila para vistoria de bagagens e documentos. Era o que eu pensava, até o momento em que ouvi uma ordem esbravejada à distância, num inglês imperial, que não dava chances de não entender e muito menos de não obedecer: *Você! Aqui! Levante suas mãos! Abra as pernas!*

Pelo olhar do antes tão educado guarda-policiaI inglês, a minha estatura física, o formato do rosto com este nariz, esta barba, este cabelo... Ah! Não havia dúvidas: que Alá perdoasse, mas Ali estava um árabe! E eu fui separado, apartado, revistado, apalpado...O único de uma imensa fila a ser bovina e cordeirescamente revistado, transformado em objeto dos múltiplos e já também desconfiados olhares dos componentes de uma fila que também se portava bovina e cordeirescamente. Eu não estava olhando para o diferente: eu ERA o diferente!

A duras penas aprendi que a causa que muitos esposam, de trabalhar com os diferentes e que eu pensei que já havia esposado de forma empática, continuava sendo uma causa para a qual eu nutro uma *grande* simpatia. Mas é muito, muito

¹² Cf. Paulo FREIRE. Ação cultura para a liberdade e outros escritos. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

diferente você colocar-se na condição de quem está olhando, daquela de quem, por um atributo da sua natureza, por uma diferença no seu corpo ou pela falta de um sentido, órgão ou algum membro, pela sua etnia, pela sua raça, pela sua cor, pela sua religião, pelo seu sexo ou seja qual outra diferença for, é subjugado à condição de quem está sendo olhado!

Entre o olhador e o olhado há um oceano de condições diferentes. Um, aquele que olha, é soberano, dono do olhar e da direção do olhar. O outro, o diferente, aquele que é olhado, fica na dependência da decisão e da direção do olhar daquele que olha! Enquanto o olhar daquele que tem o domínio da decisão e da direção de e para onde olhar compõem a história oficial que preenche milhares de volumes de livros, milhares de películas de cinema, a impotência daqueles que são destinatários dos olhares dos primeiros é uma história que ainda está por ser escrita, embora já feita e diariamente venha sendo refeita. Nas mãos de professores e professoras, particularmente, está parte da responsabilidade da feitura e da escritura dessa história que não pode mais ser relegada à condição de nota de rodapé.

Concluindo

Da sabedoria popular advém um adágio segundo o qual *de perto ninguém é normal* (abstratamente falando). Frente a isto torna-se imprescindível romper com os preconceitos, com os olhares superficiais, com o *parece*, com o *acho-senso-comum* e re-olhar a nossa prática a partir de outros parâmetros. Ou nas palavras de Mário Quintana:

Essas coisas que parece
 não terem beleza
 nenhuma
 - é simplesmente porque
 não houve nunca quem lhes desse ao menos
um segundo olhar! (destaque nosso)

São tantos os olhares e tantas as possibilidades e, no entanto, busca-se, persegue-se e tudo se faz para impor o olhar padrão. Impõe-se, como dizia o poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1956), que não se naturalize¹³ o que é histórica e socialmente produzido. É preciso cultivar o olhar do estranhamento que nunca parte daquilo que está posto como natural e sempre buscar compreender as manifestações no seu processo de manifestar-se. É preciso batalhar para que a pessoa [humana] seja vista, apreendida, olhada enfim, na sua integralidade, independentemente dos atributos físicos que a tornam peculiar. Urge que individual, coletiva e institucionalmente sejamos capazes, nos desafiemos, construamos a capacidade de olhar todos os seres humanos, na sua totalidade – independentemente de quaisquer atributos que lhes emprestam o caráter de diversidade –, como seres de direitos iguais,

¹³ Conforme suas palavras: “Nunca digam ‘isto é natural’!, para que nada passe por imutável”.

que se complementam. É nesta completude, que só pode resultar do coletivo, que está a saída para uma vida que, por enquanto, continua existindo nos não-lugares (*u-topos*), nas utopias.

As possibilidades de igualdade de direitos de todos, em termos científicos e tecnológicos, estão colocadas, apesar de não estarem ao alcance de todos. Continuamos defasados, carentes na radicalização no sentido de garantir que as conquistas coletivas sejam coletivamente desfrutadas. Afinal, *as coisas não caminham mais naturalmente, devemos deliberar sobre elas*, como diz Gianni Vattimo.

E eis aqui uma excelente oportunidade para a escola resgatar uma dívida histórica, contraída junto às vítimas das inúmeras possibilidades de olhares depreciadores. É a isto que se chama ressignificar o olhar! Ou o exercício dos múltiplos olhares!

Recebido: 30/06/2002

Revisado: 30/08/2002

Aceito: 12/09/2002